

A Produção do Conhecimento Geográfico

2

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-79-6

DOI 10.22533/at.ed.796181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*A Produção Do Conhecimento Geográfico*” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 22 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase nos movimentos sociais.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como planejamento, gestão, inclusão, mobilidade.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a migração, imigração, movimentos sociais. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

TERRITÓRIO E MOVIMENTOS SOCIAIS

CAPÍTULO 1	1
ATIVIDADES CRIATIVAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: MÚSICA, TERRITÓRIO E CRIATIVIDADE EM TATUÍ-SP	
<i>Gustavo da Silva Diniz</i> <i>Auro Aparecido Mendes</i>	
CAPÍTULO 2	11
ESCOLAS OCUPADAS: CIDADANIA, PODER E TERRITÓRIO	
<i>Rafael Sá Rego de Azevedo</i>	
CAPÍTULO 3	43
ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL: ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS OU SISTEMAS TERRITORIAIS DE PRODUÇÃO?	
<i>Mariano de Matos Macedo</i> <i>Wilhelm Milward Meiners</i>	
CAPÍTULO 4	53
GANGUE E TERRITORIALIDADES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DE PROCESSOS SOCIAIS E ESPAÇOS ENVOLVIDOS NA AÇÃO DE GANGUE EM MINAS GERAIS	
<i>Antônio Hot Pereira de Faria</i> <i>Diego Filipe Cordeiro Alves</i> <i>Alexandre Magno Alves Diniz</i> <i>Tomás Hilário Cardoso Ferreira</i>	
CAPÍTULO 5	68
O DESCOROAMENTO DA PRINCESA DO SERTÃO: DE “CHÃO” A TERRITÓRIO, O “VAZIO” NO PROCESSO DA VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO	
<i>Nacelice Barbosa Freitas</i>	
CAPÍTULO 6	79
TERRITÓRIO E SAÚDE: REFLETINDO A REALIDADE AMAZÔNICA	
<i>Layla de Cassia Bezerra Bagata Menezes</i> <i>Edna Ferreira Coelho Galvão</i>	
CAPÍTULO 7	89
A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA NO BRASIL: UM OLHAR ALÉM DE SÃO PAULO	
<i>Romerito Valeriano da Silva</i> <i>Daniela Martins Cunha</i>	
CAPÍTULO 8	101
MIGRAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIO: OS DESCENDENTES DE POLONESES E UCRANIANOS NA ZONA DA MATA RONDONIENSE	
<i>Jania Maria de Paula</i>	

CAPÍTULO 9	110
REDES DA MIGRAÇÃO HAITIANA NO MATO GROSSO DO SUL	
<i>Alex Dias de Jesus</i>	
CAPÍTULO 10	120
TRABALHO E MIGRAÇÃO: ANÁLISES SOBRE A POPULAÇÃO OCUPADA NO SETOR CALÇADISTA DO MUNICÍPIO DE NOVA SERRANA-MG	
<i>Luís Henrique Silva Ferreira</i>	
<i>Andressa Virgínia de Faria</i>	
<i>André Francisco de Brito Leite</i>	
CAPÍTULO 11	136
A TEORIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DA CERVEJA NO BRASIL: A MATRIZ METODOLÓGICA COMO INSTRUMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE MAIOR PRODUÇÃO CERVEJEIRA NO BRASIL	
<i>Eduardo Fernandes Marcusso</i>	
CAPÍTULO 12	147
EFEITOS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA E ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA SOBRE A MORTALIDADE INFANTIL NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO PARA DADOS EM PAINEL	
<i>Everlane Suane de Araújo da Silva</i>	
<i>Neir Antunes Paes</i>	
CAPÍTULO 13	157
GEOGRAFIA E ARTE: REPRESENTAÇÕES EM ALGUMAS PAISAGENS CABRALINAS	
<i>José Elías Pinheiro Neto</i>	
<i>Lara Ferraz Rocha Pacheco</i>	
CAPÍTULO 14	167
GESTÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA EM FRONTEIRA COMO PROGRAMA DE ESTADO E A INTERDEPENDÊNCIA DE ATORES	
<i>Sergio Flores de Campos</i>	
CAPÍTULO 15	179
MEMÓRIA, CULTURA E RESILIÊNCIA NA COMPREENSÃO DA PAISAGEM DO PAMPA: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA GEOGRAFIA INTEGRADORA	
<i>Adriano Severo Figueiró</i>	
CAPÍTULO 16	195
PATRIMÔNIO MUNDIAL DA UNESCO NO BRASIL: O CASO DAS ILHAS OCEÂNICAS DE FERNANDO DE NORONHA E ATOL DAS ROCAS	
<i>Vanda de Claudino-Sales</i>	
CAPÍTULO 17	206
UMA VIAGEM PELAS TERRAS DO SEM FIM EM BUSCA DA GEOGRAFICIDADE DA OBRA DE JORGE AMADO	
<i>Rita de Cássia Evangelista dos Santos</i>	

CAPÍTULO 18	216
PARENTALIDADES JOVENS, INVISÍVEIS E EXCLUÍDAS NO CENÁRIO DO “PRISON BOOM” BRASILEIRO: CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO DE PAIS E MÃES ENCARCERADOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, BRASIL – 2014	
<i>Rafael Andrés Urrego Posada</i>	
<i>Maria Carolina Tomás</i>	
<i>Dimitri Fazito de Almeida Rezende</i>	
CAPÍTULO 19	230
ENSAIO SOBRE A ARCHÉ GEOGRÁFICA SOTEROPOLITANA	
<i>Daniel de Albuquerque Ribeiro</i>	
CAPÍTULO 20	240
NO MOVIMENTOS DAS REDES, NAS REDES DE MOVIMENTOS E OS MOVIMENTOS NAS REDES: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS E MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS CAMPONESES E URBANOS NO BRASIL E NA ARGENTINA	
<i>José Sobreiro Filho</i>	
CAPÍTULO 21	251
O LEGADO DOS MILAGRES DE SANTA PAULINA: A INTERRELAÇÃO E CONEXÃO RELIGIOSA DOS MUNICÍPIOS CATARINENSES DE NOVA TRENTO E IMBITUBA CONSTRUINDO UM OLHAR PELA FENOMENOLOGIA	
<i>Natália Carolina de Oliveira Vaz</i>	
<i>Sylvio Fausto Gil Filho</i>	
CAPÍTULO 22	262
O SOM DA VIOLA “INVOCANO” UM SENTIMENTO TOPOFÍLICO CAIPIRA	
<i>Denis Rilk Malaquias</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	273

UMA VIAGEM PELAS TERRAS DO SEM FIM EM BUSCA DA GEOGRAFICIDADE DA OBRA DE JORGE AMADO

Rita de Cássia Evangelista dos Santos
Rúbia Elza Martins de Sousa

RESUMO: O artigo analisa o romance *Terras do Sem Fim* do romancista baiano Jorge Amado buscando elementos que nos permitem compreender a formação da região cacauera da Bahia tendo o cacau como um símbolo de poder econômico, político e social, além de fazer parte do imaginário da população da referida região. No romance em questão, Jorge narra a sangrenta disputa pelas terras do Sequeiro grande por duas poderosas famílias de produtores de cacau do sul da Bahia. A partir das suas memórias, suas vivências e da sua imaginação criadora, Jorge constrói uma brilhante narrativa que nos permite pensar o espaço geográfico do sul da Bahia no final do século XX e início do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Região; cacau; romance; imagem; memória.

ABSTRACT: This paper analyzes the novel called “*Terras do Sem Fim*” of the novelist Jorge Amado seeking elements that allow us to understand the formation of the cocoa region of Bahia, having the cocoa as a symbol of economic, political and social power, as well as a part of the imagery of population of that region. In the novel in question, Jorge

tells the bloody dispute over the land of the Sequeiro grande by two powerful families of cocoa producers in southern Bahia. From their memories, their experiences and their creative imagination, Jorge builds a brilliant narrative that allows us to think the geographical area of southern Bahia in the late twentieth century and early twentieth century.

KEYWORDS: Region; cocoa; novel; image; memory.

“Eu vou contar uma história, uma história de espantar”.

(Romanceiro popular)

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar o romance *Terras do Sem Fim* do escritor baiano Jorge Amado buscando elementos que compõem a geografia da região cacauera da Bahia quando do seu desbravamento para o cultivo do cacau.

Nessa obra, Jorge convida-nos a viajar através da memória e do imaginário social presentes no espaço e no tempo da região, em busca de elementos geográficos característicos do espaço da mesma. Esta obra constitui-se no mais importante romance do autor sobre a formação dessa região, pois nela estão

presentes muitos elementos que nos permitem uma compreensão maior de como ocorreu a ocupação desse espaço, como veremos no desenvolvimento do artigo.

O artigo fundamenta-se na fenomenologia da imaginação de Bachelard (1993) para quem a imagem é “obra da imaginação absoluta, extrai todo o seu ser da imaginação” (p.87). Para ele, a imagem é pura, é um fenômeno em si mesma e por isso é passível de ser objeto de um estudo fenomenológico.

Para compor sua trama, Jorge Amado se vale também das memórias do espaço vivido, das histórias que ouviu. A memória nos serve de elo entre o passado e o presente, atuando sobre este. É uma reserva de nossas experiências vividas, adquiridas.

O romance *Terras do Sem Fim* narra a sangrenta luta pelas terras do Sequeiro Grande entre duas poderosas famílias de cacauicultores do sul da Bahia e nos oferece elementos importantes para compreender a formação da região cacaueira tendo o cacau como símbolo máximo da economia e da cultura dessa porção do espaço baiano.

2 | ENTRE A MEMÓRIA E A IMAGEM: A REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA NA OBRA DE JORGE AMADO

O espaço e a espacialidade na obra *Terras do Sem Fim* do literato baiano Jorge Amado, traz imagens de obscuridade, imagens sombrias que revelam a violência, o desmando, a injustiça e o derramamento de sangue que segundo ele, são as marcas do desbravamento das terras da região cacaueira da Bahia no final do século XIX e início do século XX. Durante toda a trama, o imaginário de Jorge produz imagens de tempos difíceis, de mortes fáceis nas “terras semibárbaras de São Jorge dos Ilhéus” (AMADO, 2001, p. 9) tanto pelas chamadas tocaias (um homem armado esperava o outro na estrada, geralmente à noite, escondido atrás de uma árvore, para lhe tirar a vida, a mando de alguém), ou pela febre (uma febre que segundo Jorge ainda não tinha nome e que para o imaginário popular era provinda da mata, e que somente depois de muito tempo, foi diagnosticada como a febre tifo), ou ainda pela picada de uma cobra venenosa (a Mata Atlântica densa, ainda pouco desbravada na região, estava cheia de cobras de várias espécies).

São também imagens de riquezas, de muito dinheiro, dinheiro fruto do plantio e colheita do cacau. Muitos emigravam principalmente do sertão nordestino em busca desse dinheiro que diziam ser fácil,

Homens escreviam, homens que haviam ido antes, e contavam que o dinheiro era fácil, que era fácil também conseguir um pedaço grande de terra e plantá-la com uma árvore que se chamava cacauero e que dava frutos cor de ouro que valiam mais que o próprio ouro (AMADO, 2001, p. 13).

Nessas *Terras do Sem Fim*, o cacau é o símbolo máximo da região. Significa dinheiro, poder. Mas também significa tragédia, derramamento de sangue, mortes, exploração, desmandos, e assim, em terras distantes “de quando em vez também

chegava a notícia de que um morreria de um tiro ou da mordida de uma cobra, apunhalado no povoado ou baleado na tocaia” (AMADO, 2001, p. 13).

Logo na primeira parte do romance, intitulada de “O navio”, pode-se perceber esse ar sombrio que envolve toda a trama. O navio parte de Salvador para Ilhéus, cuja fama de dinheiro fácil atrai gente de várias partes do país. Quando se trata do desbravamento das terras do sul da Bahia a partir do cultivo do cacau, a noite, por exemplo, para Jorge Amado é quase sempre representada por aflição. Ela representa maus presságios, possibilidades de tocaias, mortes e cruces que ficam pelas estradas do cacau. A noite amedronta os homens e nessa noite, quando o navio partiu em direção a Ilhéus, “o vento soprou mais forte e trouxe para a noite da Bahia fragmentos das conversas de bordo, palavras que foram pronunciadas em tom mais forte: terras, dinheiro, cacau e morte” (p. 6).

A lua não é o astro que ilumina e norteia os passos dos namorados, ela “agora começava a subir para o alto do céu, uma lua enorme e vermelha que deixava na negrura do mar um rastro sanguinolento” (p. 11). E Jorge traz para a sua narrativa imagens da lua de outro lugar a partir de um dos seus personagens: Antônio Vítor, que no navio,

Recordava as noites de lua de sua cidadezinha, noites em que os candeeiros não eram acesos, nas quais ele ia com tantos outros rapazes, e com tantas moças também, pescar do alto da ponte banhada de luar. Eram noites de histórias e risadas, a pescaria era apenas pretexto para aquelas conversas, aqueles apertos de mão quando a lua se escondia sob uma nuvem (AMADO, 2001, p. 11).

A música que se ouve no navio “é triste como um presságio de desgraça e Antônio Vítor se aperta mais contra si, dentro dele as imagens de Estância quieta se confundem com novas imagens de uma terra ainda inconquistada, de barulhos com tiros e mortes, dinheiro, maços de notas”, e quando a harmônica cessou sua música, “o luar se derramava em sangue” (AMADO, 2001, p. 15-19).

A mata das *Terras do Sem Fim* (a Mata Atlântica, presente em toda a região cacauzeira da Bahia), é apresentada por Jorge a partir de diferentes imagens. Antes da chegada dos desbravadores, dos plantadores de cacau, “a mata dormia em seu sono jamais interrompido”. Era uma mata cheia de mistérios e linda, de árvores centenárias, guardava na sua imensidão as suas assombrações e o seu barulho era o barulho dos animais, e “seus gritos não eram ainda anunciadores de desgraças já que os homens ainda não haviam chegado na mata”. Mas dos mistérios da mata, nascia o medo no coração dos homens. Estes chegavam de outras terras, de outras paisagens, já desbravadas, rasgadas por estradas, diminuídas pelas queimadas e “quando eles chegaram, numa tarde através dos atoleiros e dos rios, abrindo picadas, e se defrontaram com a floresta virgem, ficaram paralisados (...) a mata lhes infundia um respeito religioso” (AMADO, 2001, p. 35-36).

Mas as percepções sobre a mata são diferenciadas, mostra-nos Jorge. Enquanto os trabalhadores que vêm de outras terras são tomados pelo medo que a mata lhes

impõe, e tentam recuar, deixando “cair os machados, os serrotes e as foices”, o coronel Juca Badaró embebido em seus desejos de aumentar seus domínios, suas fazendas de cacau, sua produtividade e riqueza,

Não via na sua frente a mata, o princípio do mundo. Seus olhos estavam cheios de outra visão. Via aquela terra negra, a melhor terra do mundo para o plantio do cacau. Via na sua frente não mais a mata iluminada pelos raios, cheia de estranhas vozes, enredada de cipós, fechada nas árvores centenárias habitada de animais ferozes e assombrações. Via o campo cultivado de cacauzeiros, as árvores dos frutos de ouro regularmente plantadas, os cocos maduros, amarelos. Via as roças de cacau se estendendo na terra onde antes fora a mata. Era belo. Nada mais belo no mundo que as roças de cacau. Juca Badaró, diante da mata misteriosa, sorria. Em breve ali seriam os cacauzeiros, carregados de frutos, uma doce sombra sobre o solo. Nem via os homens com medo recuando (AMADO, 2001, p. 36-38).

Essas imagens de obscuridade, morbidez, medo e riquezas das *Terras do Sem Fim*, irão percorrer toda a trama Amadiana tendo sempre o cacau como um signo e símbolo do sul da Bahia.

A memória também é um recurso utilizado por Jorge Amado para tecer sua trama. Tendo nascido e vivido sua infância nessas terras, ouviu muitas histórias, vivenciou e guardou na memória muitos fatos do espaço vivido. É ele também parte da história dessas *Terras do Sem Fim*, e é o próprio autor que nos confirma isso quando diz que

Os personagens das obras de ficção resultam da soma de figuras que se impuseram ao autor, que fazem parte da sua experiência vital. Assim são os coronéis do cacau nos livros onde trato de região grapiúna, nos quais tentei recriar a saga da conquista da terra e as etapas da construção de uma cultura própria (AMADO, 1982, p. 71-72).

E Jorge ainda nos esclarece a persistência dessas imagens presentes em toda a sua obra da chamada fase cacauísta, afirmando que são

Temas permanentes, o amor e a morte estão no centro de toda a minha obra de romancista. A observação de Ilya Ehrenburg, no prefácio da tradução russa de “*Terras do Sem Fim*”, retomada por outros críticos, encontra sua razão de ser, suas raízes, nessa primeira infância de terra violentada, de homens em armas, num mundo primitivo de epidemias, pestes, serpentes, sangue e cruces nos caminhos e, ao mesmo tempo, de mar e brisa, de praia e canções (...). Entre Pontal e Pirangi, antevi o amor e tratei com a morte. A vida do menino foi intensa e sófrega (AMADO, 1982, p. 49-50).

Para Bachelard (1993), memória e imaginação são coisas distintas, embora possam, caminhar juntas. Em Jorge Amado, isso se constitui uma característica bem particular da sua escrita, como poderá ser observado na análise do romance que segue.

3 | TERRAS DO SEM FIM: UMA ANÁLISE DO ESPAÇO E DO LUGAR NO ROMANCE

O romance de Jorge Amado que estamos analisando retrata, a partir da memória e da imaginação, a forma como o espaço da região cacauzeira da Bahia foi se configurando no final do século XIX e início do século XX. Nele, o escritor baiano narra

a disputa entre duas famílias de cacauicultores pelas terras do Sequeiro Grande, terras de grande fertilidade para o cultivo do cacau. O cacau é uma cultura exigente quanto aos aspectos físicos: exige solos extremamente férteis, umidade e temperaturas altas, daí a sua grande adaptação às terras do sul da Bahia.

No romance em questão, as terras do Sequeiro Grande (na realidade Sequeiro de Espinho, atual município de Itajuípe-BA), são consideradas importantes pois o solo é de extrema fertilidade, propícios ao cultivo do cacau, como pode ser observado no diálogo entre os irmãos Badaró, família muito importante no desbravamento das terras do cacau,

- Tu sabe, Sinhô, que ninguém conhece terra para cacau como eu conheço. Tu veio de fora mas eu já nasci aqui e desde menino que aprendi a conhecer terra que é boa pro plantio. Posso te dizer que basta eu pisar numa terra e sei logo se ela presta ou não pro cacau. (...) Pois eu te digo que não há terra melhor pra lavoura de cacau que as de Sequeiro Grande. Tu sabe que eu já passei muita noite dentro daquele mundo de mata espiando a terra (AMADO 2001, p. 57).

A historiadora Maria Luiza Heine (2004), ao estudar a relação entre Jorge Amado e os coronéis do cacau, afirma que no final do século XIX quando da intensificação do plantio do cacau no sul da Bahia, existiam muitas terras devolutas, o que também é retratado por Jorge, segundo ele “a terra estava na frente dos que chegavam e não era ainda de ninguém. Seria de todo aquele que tivesse coragem de entrar mata adentro, fazer queimadas, plantar cacau, comer alguns anos farinha e caça, até que o cacau começasse a frutificar” (AMADO 2001, p. 13). Heine (2004) nos lembra, entretanto, que existiam muitas terras mas nem todas serviam para o cultivo do cacau, já que este, como já afirmado, exige alta fertilidade dos solos.

Na trama, Jorge Amado também evidencia o grande fluxo migratório para a região. Na parte denominada “o navio” isso pode ser evidenciado. Existia gente de todo tipo: pessoas dispostas a trabalhar nas roças de cacau, prostitutas, jogadores, todos interessados no dinheiro fácil de que ouviam falar. E Heine (2004) completa afirmando que “as pessoas chegavam de navio, a pé, em lombo de burro” (p. 25). Uma corrida em busca de terras semelhante à descoberta do ouro dada a velocidade com que se processou e a diversidade dos sujeitos envolvidos.

E não seria mesmo o cacau uma espécie de ouro? Para o imaginário da população que aqui vivia ou ouvia falar dessas terras, era sim o cacau um cultivo muito lucrativo, como o ouro. Na trama, quando o capitão João Magalhães, um homem acostumado a ganhar a vida trapaceando nas mesas de pôquer pensou em investir parte do seu dinheiro em roças de cacau, pois, “desde o Rio que vinham lhe falando desta zona, da dinheirama que havia por lá” (p. 24), o coronel Maneca Dantas não hesitou em aconselhá-lo,

- Pois vale, seu capitão. Vale a pena... Cacau é uma lavoura nova mas a terra daqui é a melhor do mundo para cacau. Já veio muito doutor por aqui estudar e isso é coisa assentada. Não há terra melhor pro cacau. E a lavoura é o que há de bom, eu não troco por café nem por cana-de-açúcar. (...) Cacau é ouro, seu capitão (AMADO, 2001, p. 25).

No início do plantio do cacau nas terras do sul da Bahia, predominava as pequenas propriedades. Vinha muita gente disposta a adentrar a mata, derrubando-a para plantar cacau e suprir suas necessidades. Segundo Falcón (1995), a cultura do cacau se amplia a partir do final do século XIX favorecida pelos preços internacionais, “reunindo numa região de terras devolutas, milhares de pequenos proprietários independentes, a quem se tem chamado quase camponeses. Esse quase campesinato se configuraria pela detenção da posse, mas não da propriedade da terra” (p. 26). A situação de não propriedade da terra devia-se ao fato de que o Estado vendia as terras por um preço baixo, mas demorava até trinta anos para expedir o título de propriedade. Sem o título de propriedade, muitos pequenos agricultores perderam suas terras para os grandes coronéis, principalmente no início do século XX quando a procura por terras aumentou devido a grande importância que o cacau ganhava no mercado internacional.

Dessa forma, surge uma figura importante nessas *Terras do Sem Fim* que é a figura do contratista. Segundo Heine (2004) o proprietário dava a terra em “contrato” (o acordo não era assinado, nem registrado em cartório), ao trabalhar para ele plantar cacau e algumas lavouras de subsistência. Quando o cacau começava a crescer, o trabalhador recebia o dinheiro acertado e ia para outro lugar. Muitos sonhavam em investir o dinheiro em um pequeno pedaço de terra para plantar seu próprio cacau. Esse sistema ajudou a aumentar a quantidade de cacauzeiros plantados, mas gerou muitos problemas para os contratistas, que muitas vezes foram roubados, expulsos das terras e muitas vezes mortos. É o que Jorge Amado nos conta no romance em questão, quando apresenta a figura do coronel Horácio da Silveira, um dos personagens principais da trama, que juntamente com os irmãos Badaró, irá travar a mais sangrenta luta pela posse das terras do Sequeiro Grande,

Fora uma questão de contrato de cacau. Nuns terrenos de Horácio o preto Altino, mais seu cunhado Orlando e um compadre chamado Zacarias, haviam botado uma roça, em contrato com o coronel. Derrubaram a mata, queimaram-na, plantaram cacau. (...) Passaram-se os três anos, eles foram ao coronel para entregar a roça e receber o dinheiro. (...) Com aquele dinheiro poderiam adquirir um terreno, um pedaço de mata qualquer, desbravá-la e plantar então uma roça para eles mesmos (AMADO, 2001, p. 41-42).

Ao contar o plano de comprar um pedaço de terra para o coronel Horácio, este aprovou e até se ofereceu para vender uma parte de suas terras para os três amigos “em toda a zona de Ferradas, aquela imensa zona que lhe pertencia, eles podiam escolher um pedaço de mata. Assim era melhor para ele também, já que não teria que puxar do dinheiro” (p. 42). Após escolherem a terra, derrubaram e queimaram a mata, plantaram cacau, e mesmo depois de muito tempo o coronel não havia passado a escritura da terra para os trabalhadores e “ficaram surpresos no dia que souberam que a fazenda Beija-Flor fora vendida ao coronel Ramiro e que a roça deles estava compreendida na venda” (p. 43). Um deles, Orlando, ao falar com o coronel sobre a venda, este a confirmou e ainda questionou se eles tinham a escritura. E como o trabalhador percebendo o que tinha acontecido, reclamou,

- Desgraça pouca é bobagem, coronel. Vosmicê fique avisado que no dia que o coronel Ramiro entrar na roça, nesse dia vosmicê paga por tudo... Pense bem.

De noite Horácio chegou com seus cabras na roça dos três amigos. Cercou o rancho dizem que ele mesmo liquidou os homens. (...) Tinha voltado para a fazenda com seus homens e quando um deles foi pegado, bêbedo, pela polícia e o denunciou, ele apenas riu sua risada. Foi impronunciado (AMADO, 2001, p. 44).

Outra forma de se apossar das terras alheias era através do “caxixe”, um documento falsificado por um advogado e registrado de forma fraudulenta em cartório. Dessa forma, com o título de propriedade, os grandes fazendeiros se apossavam das terras dos menores, se elas eram de grande fertilidade e se o agricultor não fosse protegido de um grande coronel pois,

O coronel de modo geral, exercia também uma função social. Ele era temido e respeitado, conforme fossem seus dotes pessoais e não ideológicos. Ele era o chefe do clã, todos que viviam sob a sua proteção, recebiam-na verdadeiramente. Ele protegia seu agregado, dispensava favores, tirava-os da cadeia, dava-lhes terras, cuidava deles quando estavam doentes. Em troca exigia fidelidade, serviços, participação nos grupos armados e permanência em suas terras. Ai daquele que resolvesse ir embora, ou que o traísse. Poderia pagar com a vida (HEINE, 2004, p. 49).

Mas sem essa proteção de um grande coronel era fácil um pequeno produtor perder suas terras, principalmente a partir do início do século XX quando o cacau ganha impulso no mercado internacional. Jorge cita um caso desses no romance em estudo, feito pelo coronel Horácio da Silveira contra um pequeno produtor, além de matá-lo depois de tomar-lhe as terras.

- O coronel Horácio mais dr. Rui, tomaram a roça que nós havia plantado... Que a terra era dele, que Joaquim não era dono. Veio com os jagunços mais uma certidão do cartório. Botou a gente pra fora, ficaram até com o cacau que já tava secando, prontinho pra vender. Joaquim (...) ficou acabado com a tomada da roça, deu de beber. E uma vez, já bebido, disse que ia se vingar, ia liquidar com o coronel. Tava um cabra do coronel por perto, ouviu, foi contar. Mandaram tocaiar Joaquim, mataram ele na outra noite, quando vinha pra Ferradas... (AMADO, 2001, p. 17).

A luta travada pelas terras do Sequeiro grande pelas poderosas famílias dos Badaró e de Horácio da Silveira é antecedida por um “caxixe” feito pelo novo advogado de Horácio, o doutor Virgílio, deixando toda a região admirada com a astúcia do advogado,

- É o maior caxixe que já vi falar... Doutor Virgílio molhou as mãos de Venâncio e registrou no cartório dele um título de propriedade das matas de Sequeiro Grande em nome do coronel Horácio e mais cinco ou seis: Braz, dr. Jessé, coronel Maneca, não sei mais quem (AMADO, 2001, p. 169).

A família Badaró reage ao caxixe mandando incendiar o cartório no qual se registrou o título de propriedade. Segundo Heine (2004, p. 72) “há grande dificuldade de se encontrar documentos, pois era prática queimar cartórios”.

No capítulo denominado “a luta”, Jorge narra, a mais sangrenta disputa pelas *Terras do Sem Fim*, as terras do Sequeiro Grande (Sequeiro do Espinho), as melhores

terras do mundo para o plantio do cacau. Segundo Heine (2004), essa disputa ocorrera no ano de 1919, sendo mais de um ano de lutas armadas. No romance, Jorge fala em um ano e meio de lutas e “foi a última grande luta da conquista da terra, a mais feroz de todas, também. Por isso ficou vivendo através dos anos, as suas histórias passando de boca em boca, relatadas pelos pais aos filhos, pelos mais velhos aos mais jovens” (p. 230).

A epígrafe que abre esse artigo é a mesma que abre o romance *Terras do Sem Fim*, e segundo Jorge, faz parte das narrativas dos cegos e romanceiros populares nas feiras livres das cidades da região do cacau por muito tempo, pois,

Os cegos são os poetas e os cronistas dessas terras. Pela sua voz esmoler, nas cordas das suas violas, perdura a tradição das histórias do cacau. A multidão das feiras, os homens que vêm para vender sua farinha, seu milho, suas bananas e laranjas, os homens que vêm para comprar, se reúnem em torno aos cegos para ouvirem as histórias do tempo do começo do cacau, quando era também o começo do século. (...) Homens se acocoram no chão, o rosto sorridente, (...) os ouvidos atentos à narração do cego. A viola acompanha os versos, surgem diante dos homens aqueles outros homens que abriram a floresta no passado, que a derrubaram, que mataram e morreram, que plantaram cacau. (...) Antes aqui era a mata, fechada de árvores e de mistério, hoje são roças de cacau, aberta no amarelo dos frutos parecendo de ouro. Os cegos cantam, são histórias de espantar (AMADO, 2001, p. 230-231).

Para Jorge Amado, que é filho dessas *Terras do Sem Fim*, esse lugar exerce uma atração forte sobre as pessoas, seja pelo amor, pela morte, pela riqueza ou pela vingança. Mas tudo isso está diretamente ligado ao papel que o cacau representou/ representa para a população da região cacauzeira da Bahia. No romance ele usa uma metáfora para falar da força de atração do cacau: o visgo do cacau.

Os trabalhadores nas roças tinham o visgo do cacau mole preso aos pés, virava uma casca grossa que nenhuma água lavava jamais. E eles todos, trabalhadores, jagunços, coronéis, advogados, médicos, comerciantes e exportadores, tinham o visgo do cacau preso na alma, lá dentro, no mais profundo do coração... Não havia educação, cultura e sentimento que lavassem. Cacau era dinheiro, era poder, era a vida toda, estava dentro deles, não apenas plantado sobre a terra negra e poderosa de seiva. Nascia dentro de cada um, lançava sobre cada coração uma sombra má, apagava os sentimentos bons (AMADO, 2001, p. 249).

Essa força do cacau manifesta-se no imaginário da população grapiúna ainda hoje, mesmo quando o cacau não é mais a grande fonte de renda da região, mesmo sem a presença dos coronéis, muita gente ainda utiliza o cacau como um símbolo regional.

4 | O IMAGINÁRIO NAS *TERRAS DO SEM FIM*: CULTURA DO CACAU E ESPAÇO VIVIDO

O espaço da região cacauzeira da Bahia é tema corrente na obra *Amadiana*, faz parte do imaginário regional, está presente na memória do povo que aqui habita. As imagens retratadas nesse romance são muitas vezes frutos da vivência de Jorge por

essas terras: seu pai, coronel do cacau quase sendo assassinado numa tocaia, a mãe que na ausência do marido, dormia com a repetição embaixo do travesseiro, os amigos da sua família sofrendo tocaias e/ou perdendo terras. Tudo isso, mais a sua imaginação criadora, o leva a oferecer ao leitor histórias brilhantes sobre as terras do cacau. Histórias que também o envolvem, diz sobre sua identidade, seu espaço vivido. E o que é o romancista senão um contador de histórias?

No romance *Terras do Sem Fim* é fácil perceber a presença de Jorge Amado até como personagem quando ele narra o julgamento do coronel Horácio da Silveira pelo assassinato do coronel Juca Badaró nas lutas pela posse das terras do Sequeiro Grande, quando ele diz que “um menino, que anos depois iria escrever as histórias dessa terra, foi chamado por um meirinho para sacar da urna o nome dos cidadãos que iriam constituir o conselho de sentença” (p. 285). Esse julgamento corresponde na realidade ao julgamento do coronel Basílio de Oliveira, o que faz com que o imaginário popular associe o personagem Horácio da Silveira com o coronel Basílio de Oliveira, pessoa importante no desbravamento das terras do cacau e que empreendeu na realidade uma sangrenta luta pela posse das terras do Sequeiro de Espinho. Sempre curioso e adepto do aprender pela vivência e pelas histórias que ouvia, o menino grapiúna, Jorge Amado, assistiu a esse julgamento quando tinha nove anos de idade segundo a historiadora Heine (2004) e ao término,

O pai do menino tomou o filho pelo braço, viu que ele estava cansado, suspendeu-o no ombro. Os olhos do menino ainda olharam Horácio que saía.

- De que foi que gostou mais? – Perguntou-lhe o pai.

O menino sorriu levemente, confessou:

- De tudo, de tudo, gostei mais foi do homem de anelão falso, o que sabe histórias... (p. 290).

Muitos de seus personagens são facilmente reconhecidos principalmente pelos mais velhos que habitam a região, outros nem tanto, pois segundo Jorge seus personagens são a soma de muitas pessoas de muitas personalidades e nenhum personagem representa uma figura real por inteiro. Sinhô Badaró, um dos personagens principais do romance que subsidia esse trabalho, realmente existiu. Chamava-se de fato Francisco Fernandes Badaró e era conhecido por todos como Sinhô Badaró, e Jorge precisou de uma autorização escrita do irmão de Sinhô (já falecido quando da escrita do romance) para usar seu nome. Segundo Heine (2004), “a família ficou aborrecida porque Jorge Amado retratou de forma tão pouco verdadeira o grande patriarca daquela família. Esta pensa que a vida de Sinhô foi muito mais “bonita” do que aquela apresentada na narrativa do escritor”. É preciso lembrar que a obra não é biográfica e o romancista vale-se de sua licença para suas criações e é Bachelard (1993, p. 94-95) quem lembra-nos que “a imagem da imaginação não está submetida a uma verificação pela realidade” e sendo assim “sempre imaginar será mais que viver”.

5 | CONCLUSÃO

A Geografia tem feito importantes aproximações com a Literatura nas últimas décadas, buscando na poesia e na prosa, elementos geográficos de diferentes espaços geográficos.

A Literatura da chamada fase cacauísta de Jorge Amado é rica em elementos que retratam a região cacaueira da Bahia. No romance *Terras do Sem Fim* Jorge nos fornece muitos desses elementos ao narrar de forma brilhante uma das mais sangrentas lutas pela posse da terra no sul da Bahia, retratando a importância do cacau como um símbolo de poder, de riqueza e da identidade grapiúna.

As imagens que Jorge nos apresenta da citada região são imagens de obscuridade, de medo mas também de coragem, de homens que mataram e morreram pelas melhores terras do mundo para o plantio de cacau. O cacau, esse ouro que nasce do cacauero nas terras negras, poderosas de seiva do sul da Bahia.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **O menino grapiuna**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982. 120 p.

_____. **Terras do sem fim**. 68. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 320 p.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FALCÓN, Gustavo. **Os Coronéis do Cacau**. Salvador: CED Universidade Federal da Bahia. Ianamá, 1995.

HEINE, Maria Luiza. **Jorge Amado e os coronéis do cacau**. Ilhéus: Editus, 2004. 103 p.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-79-6

